

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXIX nº 1639 | Outubro 2025

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

PROTAGONISMO

SUSTENTABILIDADE NAS MÃOS DO CAMPO

Setor agropecuário será decisivo para o mundo cumprir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Sistema FAEP lidera ações no Paraná



Aos leitores

O conceito de sustentabilidade começou a ganhar força a partir do fim da década de 1980. Em 1987, o “Relatório Brundtland”, da Organização das Nações Unidas (ONU), definiu o desenvolvimento sustentável como aquele que satisfaz as necessidades do presente, sem comprometer as gerações futuras. Desde então, essa ideia tem norteado políticas públicas e ações em escala global.

Em 2015, as nações deram mais um passo, estabelecendo 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), com metas a serem atingidas até 2030. A cinco anos do prazo, o setor agropecuário será determinante para que o mundo cumpra os ODS. Não chega a ser surpresa: o produtor rural cumpre com louvor sua missão de produzir com sustentabilidade, com respeito aos recursos naturais e às pessoas.

No Paraná, o Sistema FAEP é exemplo prático do que o setor faz de melhor. Além de confirmar participação na Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP30), a entidade coloca na vitrine as diversas ações de sustentabilidade realizadas dentro da porteira que atendem aos ODS, como você pode ler na matéria de capa desta edição. Como diz o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette, somos o exemplo. Agora, basta comunicar ao mundo o que fazemos.

Boa leitura!

Expediente

• **FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná**
Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Ivonir Lodi, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Lisiane Rocha Czech, Ágide Eduardo Perin Meneguette e Nelson Gafuri | **Diretores-Secretários:** Livaldo Gemin e Ivo Pierin Júnior | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior e Mar Sakashita | **Conselho Fiscal:** Aristeu Kazuyuki Sakamoto, Sebastião Olímpio Santaroza e Walter Ferreira Lima | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, Eduardo Medeiros Gomes e Cezar Augusto Massaretto Bronzel.

• **SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR**
Conselho Administrativo | **Presidente:** Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Rosanne Curi Zarattini (SENAR/AC), Nelson Costa (Ocepar), Darci Piana (Fecomercio) e Alexandre Leal dos Santos (Fetaep) | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santaroza (FAEP), Paulo José Buso Júnior (SENAR/AC) e Carlos Alberto Gabiatto (Fetaep) | **Superintendente:** Pedro Carlos Carmona Gallego.

• **BOLETIM INFORMATIVO**
Coordenação e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Aníbal
Projeto Gráfico e Diagramação: Fernando Santos, Hélio Lacerda e William Goldbach
Colaboração: Larissa Rubiane de Assis
Contato: relacoescomimprensa@sistemafaep.org.br

Publicação mensal editada pelo Departamento de Relações com Imprensa do Sistema FAEP. Permitida a reprodução total ou parcial, citando a fonte.

Fotos da Edição 1639:
Fernando Santos, William Goldbach, Hélio Lacerda, Divulgação,
Arquivo FAEP, Patrícia Vargas e Maicon Vargas e Shutterstock.

ÍNDICE



SUSTENTABILIDADE

Agro desempenha papel crucial para o mundo atingir Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU

PÁG. 4

CELEBRAÇÃO

Programa Agrinho completa 30 anos de história como referência em educação e cidadania

Pág. 10

EDUCAÇÃO

Curiosidade de crianças mobiliza mutirão que se eterniza em livro em Cornélio Procopio

Pág. 14

CONJUNTURA

Suinocultura bate recorde de produção, mas vive momento delicado dentro da porteira

Pág. 20

NOVIDADE

Sistema FAEP entra na era do marketing olfativo e apresenta fragrância exclusiva

Pág. 24

INOVAÇÃO

A partir de curso do Sistema FAEP, produtora rural inventa “pitayada” e até cerveja da fruta

Pág. 26

ARTIGO

COP30: Vamos falar sem rodeio, a resposta virá do campo!

No final do século XIX, Thomas Malthus, considerado o pai da demografia, lançou um alerta: o crescimento populacional seria incompatível com a produção de alimentos. Isso porque, enquanto os meios de subsistência cresciam em progressão aritmética, a população evoluía de forma geométrica. Desta maneira, com o passar do tempo, não seria possível alimentar a todos.

A previsão, felizmente, não se confirmou. A pesquisa científica e o ímpeto dos produtores rurais mostraram que o campo poderia dar conta do crescimento demográfico, com a produção de mais alimento por área. Ou seja, a tese malthusiana caiu por terra em função dos avanços da agropecuária.

Agora, o mundo se vê diante de outros desafios, cuja solução também está endereçada à classe produtora. As mudanças climáticas têm impactado, cada vez mais, a vida na cidade e no campo, elevando os riscos de desastres naturais. Vamos falar sem rodeio: grande parte da solução virá da agropecuária.

Está na hora de ter essa conversa, sem filtro, a nível global, para o bem da sociedade. E o palco ideal para demonstrar, de forma consistente, que a agricultura é parte da solução para as mudanças climáticas é a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), marcada para novembro em Belém, no Pará. Isso passa por uma série de estratégias públicas e privadas, que precisam ser adotadas no curto prazo, tamanha é a urgência do desafio.

A boa notícia é que diversas destas ações já estão em curso no Paraná, muitas capitaneadas pelo Sistema FAEP, como, por exemplo, o uso de tecnologias para a transição energética. Essa questão vem sendo fomentada há anos no meio rural paranaense, a ponto de ter

atingido um grau de maturidade significativo. A produção de biogás por meio do processo de biodigestão em propriedades rurais é uma realidade no Estado há pelo menos duas décadas. Lá atrás, a entidade representativa da agropecuária paranaense já tinha identificado a necessidade de transformar o passivo ambiental de atividades como avicultura e suinocultura em ativos energéticos. Em 2017, a entidade promoveu uma viagem técnica à Itália, Áustria e Alemanha justamente com o objetivo de conhecer a produção de energias renováveis naqueles países.

No que se refere ao uso de biocombustíveis, o Sistema FAEP lançou, em junho, o programa Movido pelo Agro, para incentivar o uso do etanol na frota estadual. E como o exemplo tem que começar dentro de casa, a frota da entidade é abastecida exclusivamente com o combustível verde. Também é no Paraná que a produção de biodiesel encontra a maior refinaria do país, localizada na Lapa, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC).

O uso de energia solar nas propriedades rurais é outra prática fomentada há tempos no meio rural do Paraná. Novamente, o exemplo começa em casa. A entidade tem usinas fotovoltaicas nos seus dois Centros de Treinamento Agropecuário (CTAs), nos municípios de Ibiaporã e Assis Chateaubriand. Hoje, 100% da energia usada nas estruturas do Sistema FAEP têm origem em fontes limpas.

No que tange o uso de sistemas sustentáveis de agricultura regenerativa, o Paraná já avançou bastante em ações como rotação de culturas, plantio direto e produção orgânica, cujos fundamentos são levados para milhares de produtores rurais, de forma gratuita, por meio dos cursos da entidade paranaense.

O solo e a água, maiores patrimônios dos produtores rurais e fundamentais para a humanidade, também são prioridades dentro da porteira. Isso porque o solo bem conservado proporciona melhora da qualidade da água e do meio ambiente, além de maior produtividade agrícola. Por isso, o Sistema FAEP avança em pesquisas para a manutenção do Paraná na vanguarda do uso sustentável do meio rural.

Diante de tantos exemplos, a expectativa é de que os dirigentes da COP30 se sensibilizem a ponto de dissolver uma barreira ideológica que opõe, de maneira irracional, a produção de alimentos e a conservação do meio ambiente. Essas duas atividades não só não são excludentes, como uma depende da outra para sobreviver.

Isso prova que, mais uma vez na história, a resposta para enfrentar os desafios globais virão do campo. Contem sempre com o agro.



Ágide Eduardo Meneguette, presidente interino do Sistema FAEP

Produtor rural é determinante para o cumprimento de objetivos da ONU

Atuação do setor agropecuário perpassa por mais de 75% das metas de desenvolvimento sustentável. Materiais do Sistema FAEP trazem estampados os selos dos ODS

Há dez anos, o mundo luta para atingir os chamados Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), instituídos pela Organização das Nações Unidas (ONU), com o intuito de superar desafios sociais, econômicos e ambientais. Estabelecido em 2015, o pacto global pretende alcançar tais objetivos até o fim de 2030, de modo a não comprometer as futuras gerações. A cinco anos do prazo, o setor agropecuário será determinante para que o planeta cumpra os ODS.

Aprovada pelos Estados-membros da ONU em 2015, a “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” estabeleceu 17 ODS, que, juntos, contêm 169 metas. Destas, cerca de 75% têm relação direta ou indireta com atividades agropecuárias. O setor tem atuação estratégica quando se fala, por exemplo, em erradicação da pobreza, garantia da segurança alimentar, educação e igualdade, promoção de saúde e combate às mudanças climáticas.

“Isso evidencia a importância do setor agropecuário para o planeta. Temos relação direta com quase todos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, o que demonstra que somos parte indispensável da solução do mundo para os próximos anos”, destaca o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette. “Temos feito a lição de casa. O setor produz mais e melhor, com respeito ao meio ambiente e às pessoas”, acrescenta.

Um dos exemplos mais explícitos que ressalta a importância do setor agropecuário para a agenda global é o ODS número 2: “Fome zero e agricultura sustentável”. Segundo o “Relatório de Desenvolvimento Sustentável – 2025”, entre 713 milhões e 757 milhões de pessoas sofrem de subnutrição crônica no mundo, o que corresponde a 9% da população. Os preços elevados dos alimentos e as mudanças climáticas estão entre as causas de uma parcela da sociedade passar fome.

Segundo o documento, se não houver mudanças profundas, o mundo pode não cumprir o ODS 2. As projeções alertam que mais de 500 milhões de pessoas podem estar cronicamente

subnutridas em 2030 – a maior parte delas, na África. O setor agropecuário terá papel decisivo para reverter esse quadro. Para isso, a ONU aponta a necessidade de diversificação produtiva, aumento dos investimentos em agricultura familiar e reforço de políticas públicas de segurança alimentar.

“Atualmente, há mais de 700 milhões de pessoas passando fome. Isso é algo gritante, que mostra o quanto o setor agropecuário terá papel central no cumprimento dos ODS da ONU”, diz Rodrigo Lima, consultor do Sistema FAEP.

Outros objetivos diretamente relacionados ao setor agropecuário são o ODS 6 (“Água potável e saneamento”) e o ODS 7 (“Energia limpa”). Gerente de sustentabilidade do Sistema Faemg, Mariana Ramos, menciona o protagonismo dos produtores rurais na adoção de fontes energéticas sustentáveis, por meio de painéis solares e biodigestores. Da mesma forma, a especialista enfatiza o papel do setor no que diz respeito aos recursos hídricos.

Além disso, o setor agropecuário é destaque absoluto em outros dois ODS: o número 12 (“Consumo e produção responsáveis”) e o 13 (“Ação contra a mudança global do clima”). “O produtor rural é o grande guardião dos recursos naturais do planeta. Ele faz isso no dia a dia de forma natural, produzindo de forma sus-

tentável e com uso racional de insumos, como água e o solo. O produtor rural dá um exemplo ao mundo”, afirma Mariana.

Interconexão

Como o setor agropecuário funciona de forma sistêmica com recursos e estruturas encadeadas, cada ODS não deve ser compreendido de forma isolada, mas em interconexão com outros objetivos. Assim, cada ação sustentável reverbera em outros ODS, fortalecendo diversas esferas, em um círculo virtuoso. “O agro não funciona de forma isolada. O produtor não só produz alimentos. Ele também cuida do solo e da água, se preocupa com sustentabilidade e com a preservação ambiental, em diversas frentes. Tudo isso faz com que sejamos uma das atividades que mais contribuem com os ODS”, ressalta Meneguette.

“Começa pelo ODS 2, que é o papel do produtor rural: produzir de forma sustentável. Isso se conecta facilmente à ODS 1, erradicação da pobreza, e com o 3, saúde e bem-estar. Também se conecta facilmente com o ODS 12, que envolve o consumo e produção responsáveis, e com o 13, de ações contra mudanças climáticas. E por aí vai. Conforme as práticas do produtor, suas ações podem irradiar por quase todos os ODS”, complementa Lima.



▲ CTA de Assis Chateaubriand dá o exemplo com uma usina fotovoltaica

17

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

Os ODS representam um compromisso global para transformar o mundo, enfrentando desafios urgentes como a fome, a desigualdade e as mudanças climáticas.

1 Erradicação da pobreza

Erradicar a pobreza em todas as formas e em todos os lugares

4 Educação de qualidade

Assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos

7 Energia limpa e acessível

Garantir o acesso a fontes de energia confiáveis, sustentáveis e modernas para todos

2 Fome zero e agricultura sustentável

Erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável

5 Igualdade de gênero

Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas

8 Trabalho decente e crescimento econômico

Promover o crescimento econômico inclusivo e sustentável, o emprego pleno e produtivo e o trabalho digno para todos

3 Saúde e bem-estar

Garantir o acesso à saúde de qualidade e promover o bem-estar para todos, em todas as idades

6 Água potável e saneamento

Garantir a disponibilidade e a gestão sustentável da água potável e do saneamento para todos

9 Indústria, inovação e infraestrutura

Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação

10 Redução das desigualdades

Reduzir as desigualdades no interior dos países e entre países

12 Consumo e produção responsáveis

Garantir padrões de consumo e de produção sustentáveis

14 Vida na água

Conservar e usar de forma sustentável os oceanos, mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável

16 Paz, justiça e instituições eficazes

Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas a todos os níveis

11 Cidades e comunidades sustentáveis

Tornar as cidades e comunidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis

13 Ação contra a mudança global do clima

Adotar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos

15 Vida terrestre

Proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, travar e reverter a degradação dos solos e travar a perda da biodiversidade

17 Parcerias e meios de implementação

Reforçar os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável

O Sistema FAEP tem um espaço dedicado em seu site com todas as informações da relação entre as ODS e o campo. Acesse no QR Code ao lado



“O mundo precisa saber o que o agro faz”, defende Meneguette

Se o setor agropecuário faz seu papel dentro da porteira, por que sua imagem ainda não é tão positiva externamente quando se fala em sustentabilidade e em defesa ao meio ambiente? Para o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette, a resposta é simples: por causa de uma série de filtros ideológicos, as realizações do agronegócio não têm chegado de forma clara às pessoas, principalmente no meio urbano.

“O mundo precisa saber o que o agro faz. E o começo da mudança depende da gente. Como produtores rurais, temos que ter orgulho do nosso papel e, mais do isso, comunicar às pessoas o que fazemos no dia a dia. Temos que demonstrar o orgulho do que fazemos”, diz Meneguette.

Para ampliar essa voz, o Sistema FAEP vai integrar a comitiva da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), que vai participar da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, a COP30. A entidade paranaense preparou um documento que comprova, com dados técnicos, o protagonismo do setor agropecuário no que diz respeito à sustentabilidade.

“O fato de o Brasil ter 66% do território completamente preservado já nos coloca na vanguarda global de quem valoriza e conserva os recursos naturais e, consequentemente, nos põe em destaque em questões climáticas. O Brasil é um grande *player* de sustentabilidade e essa preservação se deve ao agro”, diz Mariana Ramos, da Faemg. “Nós precisamos cada vez mais nos posicionar com boas falas, com indicadores, com dados. Quando a gente conseguir demonstrar tudo que nós fazemos, com métricas detalhadas, vai ser difícil um país que supera o Brasil no cumprimento dessas metas definidas pela ONU”, destaca.



Sistema FAEP adota selos dos ODS nos seus materiais

Para mostrar de forma mais clara a relevância do produtor rural para a cumprimento dos ODS, o Sistema FAEP adotou uma nova estratégia. A capa da cartilha de cada curso ofertado pela entidade passou a ostentar os selos dos ODS vinculadas à capacitação em questão. Com isso, os alunos poderão saber, de forma imediata, as contribuições sustentáveis atreladas aos ensinamentos do curso.

“A ideia é que o produtor que for passar pela capacitação bata os olhos na cartilha e já veja os ODS diretamente relacionadas ao curso. É uma comunicação clara e direta”, define Ágide Eduardo Meneguette, presidente interino do Sistema FAEP.

No caso do curso “Aplicação de agrotóxicos – NR 31.7”, um dos títulos mais procurados há décadas, o produtor vai encontrar os selos dos ODS 2, 3, 4, 8, 12 e 15 na capa da cartilha. O “Manejo de solo” está atrelado aos objetivos número 2, 4, 12 e 15. Ao consultar uma capacitação na seção de cursos do site do Sistema FAEP, também é possível visualizar os ODS relacionados a cada título. Os selos também estarão nos certificados de cada capacitação.

Além disso, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável perpassam por importantes programas do Sistema FAEP, como Herdeiros do Campo, Agrinho, Movido pelo Agro e Assistência Técnica e Gerencial (ATeG).

“Do ponto de vista institucional, essa comunicação é fantástica, porque as pessoas acabam enxergando benefícios vinculados às práticas e aprendizados do campo que nem tinham ideia. Fica claro para o produtor rural que ele é ator importante dessa agenda de sustentabilidade”, diz o consultor Rodrigo Lima. “É um papel institucional fabuloso, porque dá ao agricultor a oportunidade de compreender que ele contribui com um trabalho melhor e para um mundo mais sustentável”, conclui.

ODS são reflexo da evolução da agenda global

Relativamente recente, o conceito de desenvolvimento sustentável foi definido formalmente no “Relatório Brundtland” (ou Nosso Futuro Comum), elaborado em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU). Coordenado pela então primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, o documento define desenvolvimento sustentável como “aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem suas próprias necessidades”.

Ao longo das décadas seguintes, as discussões evoluíram. Em 1992, durante a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente (ECO-92), no Rio de Janeiro, diversos países assinaram a Agenda 21, documento que tinha por objetivo vincular o desenvolvimento econômico à proteção ambiental e equidade social. Em 2000, houve um novo pacto, com o estabelecimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), com metas voltadas à erradicação da pobreza extrema, educação, saúde e igualdade de gênero, a serem atingidas até 2015.

Em 2012, no Rio de Janeiro, na Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável (chamada Rio+20), iniciou-se o processo de formulação de uma agenda global a ser colocada em prática após 2015. A ideia era se estabelecer metas mais amplas, a serem atingidas até 2030. Ali surgiram os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Finalmente, em setembro de 2015, todos os 193 Estados-membros da ONU aprovaram a “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, que instituiu os 17 ODS, com 169 metas relacionadas. O documento entrou em vigência a partir do ano seguinte, 2016.

CASE DE SUCESSO

ATeG entrega soluções a grupo de apicultores de Ortigueira

Compra coletiva de insumos, mudanças no manejo e planejamento de novas etapas fazem parte do serviço personalizado ofertado pelo Sistema FAEP

Desde o início de 2025, um grupo de 26 produtores rurais de Ortigueira, município na região Central do Paraná, recebe atendimento personalizado em suas propriedades, onde a atividade principal é a apicultura. Eles fazem parte de uma turma do programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Sistema FAEP, que leva informações sobre o manejo e a gestão dentro da porteira.

Uma vez por mês, os produtores recebem a visita de um técnico de campo do Sistema FAEP, que trata das questões específicas daquela propriedade. “Esse atendimento personalizado é o diferencial da ATeG do Sistema FAEP. É um olhar mais apurado para aquilo que se passa dentro da propriedade, pois existem diferentes graus de maturidade dos produtores. Então, esse atendimento deve ser adequado à realidade de cada um”, pontua o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette.

Recentemente, a união dos apicultores resultou numa ação coletiva que trouxe benefícios técnicos e econômicos para os produtores de Ortigueira atendidos pela ATeG. Com o inverno rigoroso na região, as perdas na apicultura são recorrentes, uma vez que as abelhas sofrem com o frio e a falta de alimento. Para contornar esse problema, uma prática comum é fornecer suplemento alimentar às colônias nestes períodos.

“Quando cheguei à região notei a necessidade em relação ao manejo simples das abelhas. Quase nenhum dos produtores do grupo realizava a alimentação energética”, relata Cleber Henrique de Oliveira, técnico de campo da ATeG do Sistema FAEP na área de apicultura.

Diante dessa realidade, Oliveira alinhou a compra coletiva de açúcar bruto de alta pureza (VHP) para alimentar as colmeias durante o inverno. “O objetivo foi baratear o custo. Fechamos uma carga de 15 toneladas que distribuímos para 12 apicultores”, conta o técnico de campo. O insumo foi suficiente para nutrir as colônias durante o inverno desse ano na região, que conta com excelentes condições para a apicultura. Ortigueira é bastante montanhosa, sendo uma boa parte coberta a pasto, mata nativa e áreas de reflorestamento.



▶ Apicultura é uma das principais atividades agropecuárias do município



▶ Produtores realizaram a compra coletiva de açúcar bruto para alimentação das colmeias

O repasse de conhecimento e informações tem sido fundamental para o desenvolvimento dos produtores rurais atendidos pela ATeG do Sistema FAEP. De acordo com Oliveira, vários apicultores nunca fizeram treinamentos na área de apicultura e/ou meliponicultura. “Muitos têm o conhecimento passado de geração para geração, aprenderam com os mais antigos. Então, muitas coisas novas relacionadas a manejo eles estão descobrindo agora. Com o atendimento, gargalos estão sendo identificados e podemos potencializar a produção com manejo simples”, ressalta Oliveira, que já mira as próximas etapas para o desenvolvimento da atividade. “O próximo passo da turma é a troca de cera e, depois, de rainha. Mostrar na prática a diferença que isso faz no apiário e na produção”, finaliza.

30 anos de Agrinho: educação que conecta campo e cidade

Programa do Sistema FAEP celebra três décadas transformando educação e cidadania em escolas paranaenses

FESTEJANDO A CONEXÃO CAMPO E CIDADE

ANOS

AGRINHO

2025

Em 2025, o Programa Agrinho, maior iniciativa de responsabilidade social do Sistema FAEP, completa 30 anos de atuação no Paraná. Ao longo desse período, o projeto deixou de ser apenas uma proposta pedagógica para se tornar um verdadeiro movimento de transformação social. Milhões de estudantes e professores tiveram suas vidas impactadas por projetos educacionais que ultrapassaram os muros da escola.

A edição comemorativa tem como tema “Festejando a conexão campo e cidade”, destacando que o meio urbano e o rural são interdependentes. “Campo e cidade caminham juntos. Reconhecer essa relação é essencial para que as novas gerações valorizem suas raízes e se orgulhem das atividades que desempenham”, afirma Ágide Eduardo Meneguette, presidente interino do Sistema FAEP.

Ao longo de sua trajetória, o programa se consolidou como referência em educação e cidadania, levando conhecimento, valores socioambientais e práticas pedagógicas inovadoras para milhares de escolas, professores e alunos. Anualmente, o programa envolve mais de 1 milhão de estudantes e 80 mil docentes, com distribuição de mais de 1 milhão de materiais didáticos para escolas das redes pública e privada em todos os municípios paranaenses. Só em 2024, foram 1,3 milhão de participantes e mais de 3,7 mil escolas envolvidas, incluindo estaduais, municipais, particulares, colégios agrícolas e Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apaes).

Desde sua criação, o Agrinho tem se destacado não apenas pelos números, mas pela capacidade de tornar a educação uma experiência viva, contextualizada e significativa. O programa começou com foco em questões ambientais, mas ao longo das décadas ampliou sua abordagem para temas como cidadania, ética, saúde, inovação e tecnologia. Hoje, é referência também em outros Estados brasileiros, contribuindo para a formação de gerações conscientes, críticas e engajadas.

“O Agrinho representa três décadas de compromisso com a educação, a cidadania e a inovação. É um programa que transforma vidas, fortalece a conexão entre campo e cidade e prepa-

ra jovens para enfrentar desafios com ética, criatividade e responsabilidade”, destaca Meneguette.

Materiais didáticos

Grande parte do sucesso do Agrinho está na qualidade e na atualização constante de seus materiais didáticos, que acompanham a evolução da educação, da sociedade e do próprio campo. A última reformulação envolveu pesquisadores e especialistas do Brasil e do exterior, incluindo Portugal e Inglaterra. O objetivo foi atualizar conteúdos e incorporar metodologias inovadoras, tecnologias digitais e abordagens contemporâneas de ensino.

Para os alunos, os materiais vão de fichas de alfabetização para os primeiros anos até revistas em quadrinhos para os anos finais do Ensino Fundamental, somando 25 livros paradidáticos. Já os professores recebem dois livros, um técnico e outro metodológico, com versões online que incluem links, videoaulas e animações.

Segundo os especialistas, os materiais representam uma integração entre ensino, pesquisa e extensão, conectando universidade e comunidade escolar. As metodologias ativas colocam o aluno como protagonista do próprio aprendizado, enquanto o professor atua como orientador e facilitador, auxiliando na construção do conhecimento e na interpretação crítica das informações. Além disso, o material aproxima a prática pedagógica do universo digital, permitindo que estudantes participem ativamente do processo de aprendizagem.

Os livros também incorporam conceitos inovadores de educação e pesquisa, como o *Responsible Research & Innovation* (RRI), que estimula ciência e inovação tecnológica orientadas por valores éticos, necessidades sociais e sustentabilidade. Essa abordagem promove habilidades como análise de dados, elaboração de perguntas, desenvolvimento de soluções e engajamento com a sociedade.



Concurso Agrinho

O Concurso Agrinho é o ponto alto do programa. Com 15 categorias, que vão desde atividades tradicionais, como desenho e redação, até modalidades inovadoras, como robótica e programação, o concurso estimula criatividade, inovação e protagonismo estudantil.

Os professores também têm espaço de destaque. A categoria Experiência Pedagógica, por exemplo, reconhece docentes que criam novas estratégias de ensino para abordar o tema do concurso. Já a categoria Relato Escola Agrinho descreve as ações realizadas pela escola ao longo do ano, enquanto o Relatório Município Agrinho é voltado às Secretarias Municipais de Educação (SMEs) que trabalharam com o programa.

Desde 2022, o Agrinho mantém parceria com a Secretaria da Educação do Paraná (Seed), que criou as categorias Redação Paraná, Robótica e Programação. Na Redação Paraná, alunos do Ensino Fundamental II e Médio produzem relatos, contos e textos dissertativo-argumentativos, seguindo o tema central. Na Robótica, os estudantes desenvolvem projetos com materiais recicláveis e componentes eletrônicos. Já na Programação, exploram linguagens para o desenvolvimento de projetos tecnológicos e de soluções práticas alinhadas ao tema do concurso.

Essa parceria também possibilitou a criação de duas categorias voltadas aos colégios agrícolas do Paraná. Na modalidade Relatório de Pesquisa, incorporada em 2023, estudantes do Ensino

Médio Técnico Agrícola ou Agropecuário produzem relatórios sobre práticas sustentáveis de produção de olerícolas e melhorias de solos, com o tema “Agrinho Boas Práticas Agrícolas”. Já a categoria AgroRobótica, iniciada em 2024, incentiva a criação de soluções práticas e protótipos tecnológicos ou eletrônicos, reforçando criatividade, pesquisa aplicada e trabalho em equipe.

Mais do que premiar resultados, o Agrinho transforma práticas escolares, estimulando cidadania, ética, responsabilidade social e o engajamento de alunos e famílias. Os projetos promovem a participação das famílias, fomentam consciência ambiental e incentivam os jovens a se tornarem protagonistas de sua educação e da vida de suas comunidades.

Agrinho está presente em diversos Estados

O impacto do Agrinho ultrapassou as fronteiras do Paraná. Atualmente, a iniciativa está presente em Goiás, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Rondônia e Ceará, beneficiando mais de 3,7 milhões de estudantes todos os anos.

No Ceará, o programa começou em 2003, em nove municípios da Serra da Ibiapaba, e se expandiu para 72 cidades, atendendo a 705 escolas e a cerca de 86 mil alunos, com previsão de alcançar 100 municípios em 2025. Rondônia retomou a implementação do Agrinho após a pandemia, com foco nas escolas rurais e planos de expansão para Porto Velho e outras localidades.

No Mato Grosso do Sul, que adotou o Agrinho em 2014, já foram atendidos 875 mil alunos e 36 mil professores em 2,1 mil escolas, com conteúdos adaptados às realidades locais e reforçando questões de sustentabilidade e meio ambiente. Em Goiás, o programa se consolidou em todos os 246 municípios, impactando mais de 2 milhões de estudantes e fortalecendo a integração entre escolas urbanas e rurais.

No Espírito Santo, o Agrinho está presente em 62 municípios e 612 instituições de ensino, envolvendo mais de 90 mil alunos e 7 mil professores, promovendo ações socioeducativas que se estendem para além da sala de aula e impactam famílias e comunidades inteiras.

Comemoração e premiação acontecem em 19 e 20 de outubro

O encerramento da 30ª edição do Agrinho será celebrado em dois dias, 19 e 20 de outubro, com uma programação que une emoção, educação e comemoração. No dia 19, cerca de 3,3 mil pessoas participam de uma grande festa em Curitiba, divididas entre o Restaurante Madalosso e a Ópera de Arame. A apresentação artística fica por conta do ilusionista Maicon Clenk, com um espetáculo que combina mágica, teatro, dança e acrobacias, proporcionando uma experiência visual e sensorial.

Já no dia 20, o grande encontro acontece no Centro de Convenções Expotrade, em Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), com a expectativa de reunir aproximadamente 4 mil participantes, entre estudantes, familiares, professores, diretores, autoridades e representantes da comunidade escolar. A programação será marcada por uma imersão educativa e interativa: um túnel do tempo iluminado por LEDs convidará o público a revisitar os 30 anos do Agrinho, enquanto atividades lúdicas e tecnológicas vão estimular a criatividade, a cooperação e a consciência ambiental.

Após a abertura institucional, um bolo cenográfico marcará os parabéns pelos 30 anos do Agrinho, seguido por apresentações do grupo LightWire, que mistura dança, tecnologia e efeitos visuais com LED e fibra ótica, transformando o evento em um espetáculo que conecta passado, presente e futuro.

Confira os vencedores do Concurso Agrinho 2025

A lista dos premiados da 30ª edição do Concurso Agrinho já está disponível no site sistemafaep.org.br/agrinho. Neste ano, foram premiados trabalhos em 15 categorias, que englobam desde produções artísticas e literárias até iniciativas voltadas à inovação tecnológica e à prática pedagógica, abrangendo alunos de diversas faixas etárias das redes pública, privada e das Apaes.

Com o tema “Festejando a conexão campo e cidade”, a 30ª edição convidou estudantes e professores a refletirem sobre a interdependência entre os meios rural e urbano, destacando como eles se complementam e se fortalecem mutuamente.

Além do reconhecimento, os vencedores receberão prêmios como smartphones, tablets, notebooks, projetores multimídia e automóveis zero quilômetro. Os contemplados da categoria Experiência Pedagógica serão revelados somente durante a cerimônia de encerramento.



Livro feito por alunos vira projeto no Agrinho 2025

Obra inspirada pela curiosidade infantil mobiliza escola e comunidade em Cornélio Procópio



A curiosidade de um aluno da Escola Municipal Ângelo Mazzarotto, em Cornélio Procópio, no Norte Pioneiro do Paraná, inspirou um projeto que une criatividade, aprendizado e transformação social. A partir da pergunta “De onde vem a ração dos cachorros?”, nasceu o livro “A festa da amizade entre o Campo e a Cidade”, escrito pela professora Andréia Godoy e ilustrado pelos estudantes, como parte das atividades do Programa Agrinho 2025, promovido pelo Sistema FAEP.

A pergunta do aluno abriu espaço para a professora ampliar o debate em sala de aula, propondo novas reflexões sobre a origem de alimentos do dia a dia, como o chocolate e o pão. Para abordar o tema de forma lúdica, Andréia criou o personagem “Campo” e, junto com a turma, desenvolveu a personagem “Cidade”, escolhida por votação entre as crianças.

“Eles não sabiam de onde vinham os alimentos que consumiam. Decidi criar um personagem que representasse o campo e pedi para eles ajudarem com o restante. Eles se envolveram em todas as etapas, desde os desenhos até as visitas práticas”, conta a professora.

Com idades entre 7 e 8 anos, os alunos participaram de atividades que deram vida ao conteúdo do livro. Visitaram uma fazenda, almoçaram em um restaurante rural, conheceram uma indústria de ração e foram à Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), no município de Bandeirantes,



para conhecer a fazenda experimental do curso de Medicina Veterinária. A turma também promoveu campanha de arrecadação de ração para ONGs de proteção animal, que superou 450 quilos de doações, com apoio da comunidade e de empresas locais.

O envolvimento da escola e da cidade cresceu junto com o projeto. O lançamento oficial do livro contou com sessão de autógrafos, presença do prefeito e cobertura da rádio local, que também patrocinou a impressão de exemplares. “As crianças deram entrevistas, se sentiram importantes. Foi emocionante. Com isso, estamos plantando sementinhas para o futuro”, destaca a professora.

Os personagens – que também viraram mascotes da escola – passaram a circular pelas casas dos alunos na “Sacola da Leitura”, aproximando as famílias do processo de alfabetização. “Com as rimas do livro, as visitas e os projetos interdisciplinares, a alfabetização flui de forma leve e prazerosa. As crianças aprendem com gosto”, completa a docente.



Veterana do Programa Agrinho, Andréia já havia conquistado o terceiro lugar na categoria “Experiência Pedagógica” na edição de 2023, com outro projeto inspirado em um aluno da Escola Ângelo Mazzarotto. Na época, a ideia surgiu do sonho de uma criança em tomar café da manhã em uma padaria – um desejo simples, mas distante da realidade das famílias mais carentes da comunidade escolar.

“Quando ganhei em 2023, nossa escola, que era vista como periférica, ficou em evidência e passou a ser reconhecida pelo excelente trabalho que desenvolve com as crianças. O Agrinho deu visibilidade e valorizou alunos e professores”, emociona-se a professora.

Para o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette, histórias como a de Cornélio Procópio mostram a verdadeira essência do programa. “O Agrinho vai além do concurso. Ele transforma vidas, desperta talentos e valoriza o trabalho de professores que fazem a diferença na educação do Paraná”, afirma.

Confira o vídeo sobre o projeto no QR Code abaixo



Após curso do Sistema FAEP, grupo de mulheres de Itambé cria marca de acessórios

Natu Biojoias nasceu com o diferencial de representar o extrativismo sustentável, sempre com o apoio do sindicato rural local

Um grupo de mulheres de Itambé, no Noroeste do Paraná, resolveu empreender após participar do curso “Artesanatos com sementes – biojoias”, promovido pelo Sistema FAEP. Com os conhecimentos adquiridos durante o treinamento, surgiu a ideia de fundar uma associação para comprar insumos e produzir peças para a venda. A iniciativa tem dado certo. A Natu Biojoias já possui logomarca e um perfil no Instagram para divulgar e comercializar seus produtos. O grupo é composto por Gilse-mara Cagni, Viviane Dolphine Campagnoli, Márcia Noriko Ueoka, Diva Dela Rosa Campagnoli, Maria Dirma Antonini Trombini e Fátima Aparecida Bersi Michelin.

“É gratificante verificar que um curso do Sistema FAEP gerou um novo negócio, por meio do conhecimento repassado. Esse é um dos aspectos presentes em nosso DNA: a qualificação de produtores rurais para que surjam novas empresas, gerando renda e melhorando a qualidade no meio rural”, enfatiza o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette.

Filha de produtores rurais, **Viviane Dolphine Campagnoli**, destaca a união do grupo desde o momento em que fizeram o curso, em março deste ano. Nas semanas seguintes, o grupo manteve os encontros, com apoio do Sindicato Rural de Itambé, que cede a sala de cursos, quando não há formação, para que as integrantes possam confeccionar as peças.

“Para começar, compramos sementes em quantidade para produzir as peças juntas. Nos encontramos uma vez por semana para fazer as biojoias e, mais do que trabalhar no material, também é uma



oportunidade de conversar, gerar conexões e aprender, em conjunto, as peculiaridades do negócio”, compartilha Viviane.

Com o passar do tempo, o grupo participou de algumas feiras de artesanato para vender seus produtos, o que permitiu identificar a procura por itens religiosos. Assim, desenvolveram novos produtos, como terços e dezeninhas para carros feitos com sementes. “Também temos chaveiros, colares de mesa, escapulários e continuamos exercitando a criatividade. Agora, o nosso desafio é com as fotografias. Estamos buscando conhecimento para melhorar a forma de expor nossos itens e aumentar as vendas”, aponta Viviane.

O planejamento do grupo é expandir e formalizar a cooperativa, a ponto de ter um galpão para que as mulheres trabalhem juntas. Além disso, a ideia é que peças te-

nham o diferencial de representar o extrativismo sustentável, união entre mulheres e respeito ao meio ambiente.

“Nosso objetivo é ir além da renda individual. Queremos mostrar que juntas podemos gerar impacto positivo para a comunidade, para o meio ambiente e para nós mesmas, como agricultoras e mulheres do agro”, resume Viviane.

Durante o convívio, além de produzir joias com sementes, o grupo de mulheres aprendeu a se organizar e, nos últimos meses, refinaram o projeto. Buscaram apoios, como o da Cooperativa Cocari, e já fazem prospecção de mercado para estar presentes em feiras e eventos na cidade e em outros municípios da região. Inclusive, o grupo deve ser um dos expositores do espaço de artesanato da Expo Cocari, que a cooperativa vai promover no início de 2026.



Dia de Campo da ATeG

No dia 28 de agosto, o Sindicato Rural de Faxinal promoveu um Dia de Campo do programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Sistema FAEP, reunindo 56 produtores das turmas de olericultura. O encontro aconteceu na Chácara Mundial, em Cruzmaltina, na região Norte do Paraná. A atividade apresentou tecnologias acessíveis para o cultivo de tomate em sistema protegido, com foco em controle fitossanitário, manejo integrado de pragas e uso de cultivares tolerantes ao geminivírus. Em quatro estações práticas, os produtores puderam manusear equipamentos, conhecer novos produtos e comparar estratégias de manejo, destacando o potencial produtivo de variedades adaptadas à região.



Patrulha Rural

Os Núcleos dos Sindicatos Rurais do Norte (Nunorte) e do Norte Pioneiro (Nunorpi), em parceria com o Sistema FAEP, participaram das reuniões técnicas promovidas pela Polícia Militar do Paraná (PMPR) nos dias 16 e 17 de setembro, em Londrina e Cornélio Procopio. Os encontros reuniram produtores, lideranças sindicais, secretários municipais de agricultura e forças de segurança para debater ações de fortalecimento da segurança no campo. Entre os temas tratados, estiveram a prevenção de acidentes com máquinas agrícolas em estradas, o combate a incêndios no meio rural e os resultados da Patrulha Rural Comunitária.



2º Encontro de Comissões de Mulheres do Sudoeste

No dia 20 de setembro, Manguelirinha recebeu o 2º Encontro de Comissões de Mulheres do Sudoeste, que reuniu 230 participantes, representando as 16 comissões da região. O evento se consolidou como espaço de integração, troca de experiências e fortalecimento da atuação feminina no agronegócio. Representando o Sistema FAEP e a Comissão Estadual de Mulheres da FAEP (CEMF), estiveram presentes Kelli Cardoso, coordenadora técnica da CEMF, e Lisiane Czech, coordenadora estadual da CEMF, presidente do Sindicato Rural de Teixeira Soares e vice-presidente do Sistema FAEP.



XVII Encontro de Mulheres Rurais

No dia 17 de setembro, Maringá, no Noroeste do Paraná, sediou o 17º Encontro de Mulheres Rurais, promovido pela Comissão de Mulheres do Sindicato Rural de Maringá, com apoio da Comissão Estadual de Mulheres da FAEP (CEMF) e do Sistema FAEP. O evento reuniu mais de 300 participantes, representando as 11 comissões da região. Com foco na valorização do papel feminino no agronegócio, a programação contou com palestras, atividades culturais, momentos de troca de experiências e sorteios. A coordenadora técnica da CEMF, Kelli Cardoso, representou o Sistema FAEP durante o encontro.



O SUPER-HERÓI LATINO-AMERICANO

CRIADO POR ROBERTO BOLAÑOS, CHAPOLIN COLORADO NASCEU PARA SE CONTRAPOR AOS HERÓIS NORTE-AMERICANOS

Conhecido como Chespirito (pequeno Shakespeare), o ator e roteirista **Roberto Gómez Bolaños** era um fenômeno em ascensão na televisão mexicana, no início de 1970. Naquele ano, ele havia acabado de ganhar um programa em horário nobre na Televisión Independiente de México (TIM) e precisava inventar novos tipos para seus esquetes de humor. Nesse contexto nasceu um de seus personagens que atravessaria décadas fazendo sucesso: o Chapolin Colorado.

Reza a lenda que a inspiração surgiu em uma noite em que um *chapulín* – uma espécie de gafanhoto pequeno e saltador, muito comum no México – apareceu no escritório em que Bolaños escrevia seus roteiros. Chespirito já pensava em criar um herói latino-americano, em contraposição aos norte-americanos Batman e Superman, que eram impávidos, infalíveis, corajosos ou dotados de superpoderes.

O Chapolin Colorado, por sua vez, seria frágil, atrapalhado, medroso e de origem humilde. Apesar de tudo isso, o pequeno herói enfrentava suas limitações.

As cenas de humor decorriam justamente da forma como ele superava tais características para socorrer quem precisasse, utilizando mais a esperteza do que a força. O “polegar vermelho” era também uma crítica social – ou uma resposta dos latino-americanos ao senso de superioridade e de heroísmo dos Estados Unidos.

“[Batman e Superman] não são heróis. Herói é o Chapolin Colorado. O heroísmo não consiste em não sentir medo e, sim, em superá-lo. Batman e Superman são poderosos, eles não têm medo. O Chapolin Colorado morre de medo, é burro, tonto, *et cetera*, e, consciente de suas deficiências, ele enfrenta o problema”, disse Bolaños, em uma entrevista a uma tevê mexicana.

A cor vermelha foi definida por exclusão. Só havia quatro tons de tecido no estoque da emissora: azul, preto, branco e vermelho. De cara, Chespirito descartou o preto (por considerar fúnebre) e o branco (por refletir a luz). A utilização do azul, por uma vez, impossibilitaria o uso do *chroma key* – uma técnica para efeitos visuais, de sobreposição de

imagens gravadas sobre fundo verde ou azul. Sobrou, assim, o vermelho. O uniforme contava com seu escudo em forma de coração, estampado com um “CH”, e com suas indefectíveis antenhas de vinil.

A primeira aparição do Chapolin Colorado ocorreu em 26 de novembro de 1970, como esquete do programa Chespirito. O sucesso foi tamanho, que o herói latino-americano ofuscou os outros personagens e quadros, como Os Super-Gênios da Mesa Quadrada. Em 28 de fevereiro de 1973, enfim, o Chapolin se tornou um programa próprio, com episódios de 20 minutos, immortalizando seu bordão: “Não contavam com minha astúcia!”. Até 1979, foram sete temporadas, com 291 episódios, muitos dos quais estão inéditos no Brasil. Parte dos programas está disponível no Prime Video.

Talvez o sucesso de Chapolin decorra do fato de o ser humano ter familiaridades com o personagem: frágil e atrapalhado, mas também disposto a ajudar. Na mesma época em que criou o herói latino-americano, Bolaños também inventou outro personagem que marcaria época: o Chaves. Mas isso já é tema para outra história de uma próxima edição da revista **Boletim Informativo**.



Recorde de produção não melhora remuneração

Levantamento de Custos de Produção realizado pelo Sistema FAEP revela cenário de depreciação das granjas e dificuldades financeiras na atividade

Nos últimos 12 meses, a suinocultura paranaense experimentou um momento de consolidação, com crescimento significativo da produção e da exportação. Em 2024, o Estado atingiu o marco histórico de abate, com 12,4 milhões de suínos. O cenário positivo se manteve no início deste ano, com o Paraná respondendo por 22% dos abates do país, que ganhou novos mercados internacionais.

Apesar destes avanços expressivos, dentro da porteira o setor ainda enfrenta desafios, com elevado custo de produção, que compromete a rentabilidade dos suinocultores, mesmo em momentos de alta nos preços do suíno vivo. Essa percepção está evidente no levantamento dos custos de produção da suinocultura integrada paranaense realizado pelo Sistema FAEP em junho deste ano. O trabalho é realizado há mais de 15 anos, permitindo que a classe produtora conheça seus números, além de fornecer subsídios para as negociações junto às agroindústrias integradoras. O levantamento também tem benefícios indiretos ao servir como referência de mercado para produtores independentes

e cooperados, além de embasar o Sistema FAEP no pleito de políticas públicas para a atividade.

“Para crescer com rentabilidade, o produtor precisa conhecer a própria atividade em detalhes e trabalhar a gestão do empreendimento rural. O levantamento realizado pelo Sistema FAEP permite, identificar pontos de melhora”, destaca o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette.

Neste último levantamento participaram suinocultores membros de seis diferentes Comissões de Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs) no Paraná, sendo três nos Campos Gerais e três na região Oeste de diferentes fases produtivas da atividade: Unidade de Crechário (UC); Unidade Produtora de Desmamados (UPD) e Unidade de Terminados (UT). Cada Cadec serve de espaço de diálogo paritário e harmônico entre a agroindústria integradora e os produtores rurais integrados. Nestas comissões ocorrem as negociações, estabelecem parâmetros de produção e outros detalhes da relação entre as partes.

Em linhas gerais, o desempenho financeiro das granjas piorou na comparação com o levantamento realizado em novembro de 2024. Segundo Nicolle Wilsek, técnica do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP, a UPD localizada no Oeste registrou os resultados mais preocupantes. “Dentre os fatores que contribuíram para esse cenário, houve a implantação de novos manejos nas propriedades, com aumento nos custos variáveis. Acompanhando a situação atual de juros elevados, o custo fixo também teve alta relevante”, detalha.

Nessa integração, o preço recebido pelo leitão não cobriu sequer os Custos Variáveis (veja os detalhes no quadro ao lado). O Custo Total, que inclui a remuneração do capital e as depreciações, aumentou 64% entre novembro de 2024 e junho de 2025. Enquanto o produtor recebeu R\$ 47,80 por leitão, o Custo Total para produzir esse animal alcançou R\$ 79,51. Dessa forma, o prejuízo foi de R\$ 54,86 por leitão, contra R\$ 18,24 no levantamento anterior.

“Mesmo em momentos de forte exportação e valorização no mercado internacional, a margem líquida do integrado permanece negativa, pois os custos de produção seguem elevados e não são integralmente repassados”, observa Deborah de Geus, produtora e presidente da Comissão Técnica de Suinocultura do Sistema FAEP.

Em relação à UPD localizada nos Campos Gerais, mesmo com aumento no número de leitões produzidos, o saldo sobre o Custo Total ficou negativo em R\$ 23,45 por animal. “Historicamente, esta é uma Cadec que negocia assiduamente com a integradora em busca de melhora nos resultados. Se não tivesse uma atuação da Cadec nas negociações, com uso dos números do levantamento, a situação estaria ainda pior”, analisa Nicolle, do Sistema FAEP.

Nas duas integrações de Unidades Crechário (UC) analisadas, a situação foi semelhante. Na região Oeste, a atividade conseguiu remunerar o Custo Variável, com lucro de R\$ 1,56 por leitão. Porém, o Custo Total seguiu negativo, com prejuízo de R\$ 7,97 por animal. Já nas granjas desta fase produtiva localizadas nos Campos Gerais, a remuneração não cobriu sequer o Custo Variável, que ficou negativo em R\$ 3,45 por cabeça. Se analisarmos o Custo Total, o prejuízo foi de R\$ 17,56 por leitão.

Para o suinocultor Angelo Nabozny, que possui duas granjas com capacidade para alojar 2,7 mil animais cada uma, localizadas em Ponta Grossa, sem a remuneração adequada, muitos produtores terão problemas num futuro próximo. “A integradora não computa vários custos, como a depreciação dos equipamentos. Então, as pessoas se mantêm na atividade sucateando suas instalações. Não tem retorno para realizar investimento”, aponta.

Segundo Nabozny, a despesa mais significativa é a energia elétrica. Isso porque a região dos Campos Gerais demanda mais recursos para aquecer as granjas no inverno. Em segundo lugar, o produtor elenca o custo de mão de obra.

Confira os conceitos-chave da metodologia do levantamento dos custos de produção:

- **Custo Variável:** itens que geram desembolso direto do produtor para a produção do lote e variam de acordo com o nível de produção da atividade;
- **Custo Fixo:** Ocorre independentemente da produção. Consideradas as depreciações de máquinas, equipamentos e edificações e a remuneração do capital investido na atividade;
- **Custo Operacional:** Considera o Custo Variável acrescido da depreciação;
- **Custo Total:** Soma dos Custos Variável e Fixo.

Na região Oeste, o suinocultor **Udo Herpich** que também atua na fase de crechário, destaca a mão de obra como principal despesa. “Pesa bastante e, cada vez mais, porque, além de cara, está bastante escassa”, avalia.

Com dois galpões e uma capacidade total para alojar 11 mil animais, Herpich destaca a importância do levantamento de custos do Sistema FAEP para balizar a atividade e, principalmente, a relação com as integradoras. “Os números do levantamento precisam ser divulgados para que as integradoras saibam dos nossos custos. No cálculo da integradora, vários itens não entram”, lamenta.

Para o produtor, o trabalho do Sistema FAEP também ajuda a trazer um olhar mais qualificado para dentro do negócio. “É importante analisar a planilha, pois às vezes a gente não enxerga algumas coisas e ficamos andando em círculo”, pondera.

Terminação

Na análise das Unidades de Terminação (UT), o trabalho do Sistema FAEP também identificou significativa piora na saúde financeira das granjas. “Os resultados preocupam, principalmente por se tratar da fase mais simples na suinocultura, na qual o suíno depende menos de imunizações ou cuidados específicos. Deveria apresentar melhor rentabilidade financeira para o produtor, o que não ocorre”, alerta Nicolle, do DTE do Sistema FAEP.

A remuneração dos produtores que atuam na integração da região Oeste não foi suficiente para sequer cobrir os Custos Variáveis, que compreendem as despesas básicas para produção do lote. Ao analisar o Custo Total, o prejuízo foi de R\$ 40,89 por suíno terminado. Assim como em outras etapas produtivas, o custo da mão de obra foi o que mais onerou a atividade, representando 37,64% dos Custos Variáveis.

Na integração localizada nos Campos Gerais, a situação melhorou em relação ao levantamento realizado em novembro do ano passado. “Houve alta de 24% no valor recebido pelo suíno terminado, em parte pela forte negociação exercida pela Cadec”, aponta Nicolle. A atividade conseguiu cobrir os Custos Variáveis, mas não os Custos Operacionais nem os Custos Totais, que ficaram negativos em R\$ 36,28 por suíno terminado.

“A suinocultura paranaense vive um cenário de expansão produtiva e comercial, sustentado pela organização da cadeia, pela conquista de novos mercados e por um ambiente sanitário favorável. No entanto, a rentabilidade ainda é um ponto de atenção, exigindo gestão eficiente, inovação tecnológica e políticas efetivas de apoio à produção”, finaliza a técnica do Sistema FAEP.



Os números do levantamento de custos por animal (R\$)

UPD Oeste

Saldo / Custos Variáveis: **-10,37**
Saldo / Custo Operacional: **-31,71**
Saldo / Custo Total : **-54,86**

UPD Campos Gerais

Saldo / Custos Variáveis: **15,15**
Saldo / Custo Operacional: **-1,37**
Saldo / Custo Total: **-23,45**

UC Oeste

Saldo / Custos Variáveis: **1,56**
Saldo / Custo Operacional: **-3,34**
Saldo / Custo Total: **-7,97**

UC Campos Gerais

Saldo / Custos Variáveis: **-3,45**
Saldo / Custo Operacional: **-9,99**
Saldo / Custo Total: **-17,56**

UT Oeste

Saldo / Custos Variáveis: **-6,06**
Saldo / Custo Operacional: **-24,02**
Saldo / Custo Total: **-40,89**

UT Campos Gerais

Saldo / Custos Variáveis: **9,75**
Saldo / Custo Operacional: **-9,45**
Saldo / Custo Total: **-36,28**

Fonte: Sistema FAEP

Entrevista

A presidente da Comissão Técnica de Suinocultura do Sistema FAEP, Deborah de Geus, comentou os resultados do último levantamento de custos. Confira.

Sistema FAEP – Em 2025, os custos de produção continuam elevados, comprometendo a rentabilidade dos produtores. No curto prazo, o que poderia ser feito para reverter essa situação?

Deborah de Geus – Uma das principais medidas é a revisão dos modelos contratuais, buscando maior equilíbrio entre indústria e produtor. É fundamental que os contratos não cubram apenas os custos variáveis, mas também parte dos custos fixos, que hoje ficam descobertos. O Sistema FAEP tem feito um trabalho importante de levantamento dos custos junto aos produtores, para dar transparência e subsidiar uma negociação coletiva mais justa.

Também é necessário pensar em mecanismos de remuneração mais modernos, como gatilhos nos contratos, que permitam repassar parte dos ganhos obtidos pela indústria – seja com exportações ou valorização no mercado – diretamente ao produtor. Afinal, para que a cadeia seja realmente sustentável, precisa existir uma relação de ‘ganha-ganha’, onde tanto a indústria quanto o suinocultor tenham viabilidade econômica.

O integrado faz sua parte: entrega produtividade, eficiência e qualidade. Agora é hora de garantir que esse esforço seja devidamente reconhecido dentro da cadeia.

– De que forma as Cadecs contribuem para minimizar a queda na remuneração do suinocultor integrado?

As Cadecs permitem maior transparência na composição de custos, fortalecem a negociação coletiva dos produtores com as agroindústrias e possibilitam a revisão de parâmetros contratuais, de forma a aproximar remuneração e realidade dos custos.

Além disso, as Cadecs abrem espaço para discutir mecanismos de remuneração mais equilibrados, como gatilhos vinculados ao mercado, assegurando maior previsibilidade e sustentabilidade econômica na atividade.

– Qual a contribuição que este levantamento de custos de produção, promovido pelo Sistema FAEP, traz para a cadeia produtiva?

Ele traz clareza sobre a realidade do produtor, mostrando de forma transparente onde estão os maiores gastos e qual é a margem real da atividade. Com esses dados em mãos, a gente ganha força para negociar de forma mais justa com a indústria e para buscar políticas públicas que ajudem a equilibrar a cadeia. É um instrumento que dá voz e respaldo técnico ao produtor.

Sistema FAEP apresenta sua nova fragrância exclusiva

Perfume traz elementos que reforçam o vínculo com o campo, como aroma de terra molhada, ervas nativas e orvalho amanhecendo na propriedade rural



Quem visitar a sede do Sistema FAEP, em Curitiba, vai sentir o aroma de terra molhada, com ervas nativas e um toque de orvalho amanhecendo na propriedade rural. Isso porque a entidade desenvolveu a sua própria fragrância, com a proposta de transformar sentimentos em sensações.

O perfume não será comercializado, mas passa a fazer parte da identidade do Sistema FAEP. Em breve, a fragrância também vai ser usada em outros espaços da entidade, como os Centros de Treinamento Agropecuário (CTAs), sindicatos rurais e salas de aula utilizadas nos cursos. Com isso, os produtores rurais e outros parceiros estarão sujeitos ao efeito *crossmodal*,

no qual ocorre a interação e a integração de diferentes estímulos sensoriais, como a visão e o olfato, de modo a tornar mais ricas as experiências relacionadas ao Sistema FAEP.

“Essa iniciativa está alinhada com os preceitos do marketing olfativo, estratégia que usa fragrâncias personalizadas para criar experiências sensoriais poderosas, capazes de avivar memórias e sentimentos. No caso do Sistema FAEP, o objetivo é que o nosso perfume seja utilizado em eventos e nos espaços da entidade, de modo a firmar nossa identidade olfativa”, destaca o presidente interino do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette.

A fragrância recebeu o título de AM, em referência à sigla A.M. (*Ante Meridiem*), usada para designar os horários antes do meio-dia (uma vez que o produtor rural acorda cedo). Ainda, a sigla deriva de “Amanhecer no campo”, uma das quatro direções olfativas que se destacou ao longo do trabalho de elaboração do perfume.

“Esse trabalho transmite um sentimento. O vínculo emocional com a terra é recuperado com esse aroma”, aponta a avaliadora olfativa Jeane Rocha, responsável pela elaboração da fragrância do Sistema FAEP.

O trabalho de pesquisa e elaboração começou no início do ano. Após receber o primeiro briefing sobre o aroma desejado para o Sistema FAEP, Jeane promoveu uma rodada de entrevistas com colaboradores da entidade, com o propósito de identificar as notas aromáticas que remeteriam às experiências do agronegócio.

Dessas conversas, surgiram alguns direcionamentos explorados na etapa seguinte, quando a avaliadora olfativa percorreu áreas rurais para uma pesquisa na qual explorou os aromas locais. Nessa expedição, liderada pelo time de relacionamento com o produtor rural, foram recolhidas folhas, ervas, cascas de árvores e outros elementos que ajudaram a compor o universo olfativo do campo paranaense.

A partir dessa pesquisa inicial, Jeane encaminhou um briefing orientando diversas casas de perfumistas no Brasil e em outros países para o desenvolvimento da fragrância do Sistema FAEP. Essas empresas encaminharam 20 diferentes sugestões de aromas para análise, dos quais quatro passaram para a etapa seguinte de avaliação.

“Nesse momento, reunimos diversos profissionais da casa para vivenciar uma experiência sensorial única. Diante das quatro fragrâncias finalistas, o desafio era simples e profundo: fechar os olhos, inspirar lentamente e descrever o que sentiam”, relata o gerente do Departamento de Relacionamento com o Produtor Rural do Sistema FAEP, Elizandro Ossoski.

A fragrância escolhida será disponibilizada, a princípio, em três produtos: varetas difusoras de aromas, *micromist* (spray de ambiente) e em máquinas de aromatização.

A validação da fragrância escolhida também passou pela garantia da sua propriedade intelectual. O perfume foi registrado na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e tem produção e uso exclusivos do Sistema FAEP.

“O objetivo é que o nosso perfume seja utilizado em eventos e nos espaços da entidade, de modo a firmar nossa identidade olfativa”

Ágide Eduardo Meneguette,
presidente interino do Sistema FAEP

Memória
do Campo



PAC empacado no PR

A infraestrutura logística, indispensável para o escoamento da produção agropecuária, sempre esteve no radar do Sistema FAEP, que cobra as autoridades e acompanha de perto os projetos capazes de influenciar o transporte de mercadorias, seja por rodovia, ferrovia ou marítima. Em abril de 2010, matéria da edição 1901 da revista **Boletim Informativo** apresentava dúvidas em relação ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), encampado pelo governo federal, com contornos fortemente eleitoreiros, que anunciava cifras volumosas, mas entregava poucas obras.

Embora 54% das obras previstas no PAC 1 não tivessem saído da prancheta, o governo federal lançou o PAC 2, numa tentativa de impulsionar a candidatura de Dilma Rousseff à presidência da República. Na época, a analogia feita por especialistas em logística era de que “o PAC 1 no Paraná é como uma parelha de bois atolada. E em vez de desatolar a carroça, o governo diz que vai botar outra parelha [PAC 2] no trecho”.

A lista de itens que precisavam ser “desatolados” passava por investimentos no Porto de Paranaguá, nas ferrovias defasadas, que datam do século XIX, e nas rodovias, que mesmo pedagogadas apresentavam problemas. Conclusão: os gargalos logísticos não foram solucionados e o produtor paranaense continua arcando com o chamado “Custo-Brasil”, que reduz a competitividade dentro e fora do país.

► O casal Raquel dos Santos e Jilherme dos Santos na propriedade rural em Bela Vista da Caroba

Com auxílio do Sistema FAEP, produtora inova com “pitayada”

Entre as invenções de Raquel dos Santos está o doce inspirado na receita de goiabada, balas de corte e até cerveja de pitaya

A familiaridade de Raquel Aparecida Doneda dos Santos com as questões do campo surpreende diante do fato de que há apenas quatro anos ela passou a ser produtora rural. Dona de uma floricultura tradicional em Bela Vista da Caroba, no Sudoeste do Paraná, a empresária teve apoio dos cursos do Sistema FAEP para enxergar a chance de ampliar os negócios no sítio da família, de quatro hectares. A aposta tem rendido, literalmente, frutos colhidos no local, que já vão além do produto *in natura*.

“Um dos propósitos dos cursos do Sistema FAEP é fazer com que os produtores rurais diversifiquem seus negócios,

possibilitando novas formas de agregar valor à sua propriedade”, pontua Ágide Eduardo Meneguette, presidente interino do Sistema FAEP.

A ideia de Raquel, de investir na produção agrícola, surgiu porque o sítio da família já abrigou diversas atividades no passado. Atualmente, o local estava mais voltado a fins recreativos. Com a mudança na forma de gestão, a propriedade passou a ser um “laboratório”, sempre com modelos de produção orgânica. Primeiro com uma plantação de mandioca e, depois, com a construção de um aviário de galinhas poedeiras, com produção de 12,8 mil ovos por dia.

Nesse movimento de ampliar as atividades no sítio, a família então arriscou plantar mudas de pitaya. O fruto teve boa adaptação em um talhão específico – em uma região alta, que escapa da geada. O pomar cresceu até atingir os atuais 2,8 mil pés que produzem cerca de 17 toneladas a cada safra.

Com uma boa quantidade do fruto *in natura*, Raquel apostou no processamento de forma inovadora. Para isso, a produtora rural recorreu aos treinamentos do Sistema FAEP nas áreas de derivados de leite, conservas e molhos e doces pastosos e geleias.

“Logo que vim morar no meio rural, identifiquei a necessidade de capacitação dentro daquilo que estava fazendo. Assim, descobri a possibilidade de beneficiar a pitaya de várias formas, misturando com outros produtos de vizinhos”, compartilha Raquel.

Em um primeiro momento, a produtora estabeleceu parcerias com outros produtores. Dessa forma, nasceram produtos como a geleia que leva pitaya e abacaxi, cosméticos envolvendo derivados de mel e até cerveja com pitaya na composição. “A partir dessas parcerias, vi que dava para diversificar ainda mais e surgiu o plano que está em andamento: ter a minha própria agroindústria”, compartilha a produtora rural.

Assim surgiram os produtos de marca própria, que não competem com as parcerias já firmadas. Entre as invenções de Raquel estão a “pitayada” (doce inspirado na receita de goiabada) e as balas de pitaya recheadas com doce de leite. Para além da pitaya, ela também passou a fazer caponatas e conservas diversas.

“Os cursos do Sistema FAEP promovem o crescimento individual e coletivo. Aprender nunca é o suficiente. Sempre temos que estar abertos ao aprendizado, ainda mais com cursos com a qualidade e metodologia que o Sistema FAEP oferta”, enfatiza Raquel.

A produtora rural, inclusive, pensa em ampliar a gama de atividades. Junto com os familiares, Raquel tem trabalhado em uma estrutura para servir café colonial no sítio, batizado de “Recanto da Pitaya”, com as delícias de produção própria. “A propriedade fica a apenas cinco quilômetros da cidade, com fácil acesso. Por enquanto estamos atendendo apenas grupos e com agendamento. Mas a ideia é aprimorar esse modelo de negócio e, com o tempo, atender mais públicos”, projeta Raquel.

Serviço

Para comprar os produtos do Recanto da Pitaya ou agendar um café colonial, basta entrar em contato pelo Instagram: [@dapitayaorganicos](#)



Novos cursos em fruticultura e turismo rural

O Sistema FAEP oferece novos cursos na área de fruticultura e turismo rural. Na área de cultivo de frutíferas, os títulos são voltados às culturas de amora preta, mirtilo e framboesa. Todos os treinamentos envolvem 16 horas, com turmas de 10 a 15 participantes, e incluem em seu conteúdo aspectos como técnicas de plantio, irrigação, poda, controle fitossanitário e manejo adequado de plantas para garantir alta produtividade e qualidade.

No caso dos quatro títulos na área de turismo rural, os cursos são voltados para boas práticas para o turismo sustentável, paisagismo e decoração, produtos e experiências turísticas e recepção. Cada curso tem oito horas de duração e forma produtores e trabalhadores rurais interessados em explorar a atividade econômica em suas propriedades.

Em 2025, o Sistema FAEP passou a disponibilizar 28 novos cursos em seu catálogo. Entre os títulos, estão desde formações na área de agricultura orgânica e apicultura até turismo rural e torra de cafés especiais. Tudo isso reunido em uma cartilha, disponível para consulta no site do Sistema FAEP ou no QR Code acima.

Para garantir sua vaga em uma das turmas dos cursos do Sistema FAEP, basta procurar o sindicato rural mais próximo. A lista com os endereços e telefones de todas as instituições do Estado está disponível no nosso site, na pelo menu “Sistema FAEP” depois em “Sindicatos Rurais”.



REALEZA

TRATORISTA AGRÍCOLA

Encerrado em 12 de julho, o curso ministrado por Adelar Cagnini formou sete mulheres.



JAGUARIAÍVA

ARTESANATO COM PRODUTOS APÍCOLAS

Realizado entre 21 e 25 de julho, o curso capacitou 12 participantes, pela instrutora Regina de Lima Michalski.



MANDAGUAÇU

FLORES EM PALHA DE MILHO

Oito participantes foram capacitados pela instrutora Marli de Freitas Malacrida, entre os dias 20 e 22 de agosto.



SÃO MANOEL DO PARANÁ

DERIVADOS DE LEITE

O instrutor Sergio Kazuo Kawakami capacitou 11 participantes, nos dias 8 e 9 de setembro, neste curso oferecido pelo Sindicato Rural de Cianorte.



GOIOERÊ

AGRO DIGITAL

Em 15 de agosto, 13 alunos do curso em Técnico em Agrícola participaram do curso, com orientação da instrutora Aline Loise Martins.



ANDIRÁ

CIPA

Nesta turma, 16 participantes foram capacitados pelo instrutor José Aparecido dos Santos, entre os dias 4 e 18 de agosto.



RIO NEGRO

RETROESCAVADEIRA

O instrutor Romeu Sergio Poerschke capacitou dez participantes, de 8 a 12 de setembro.



JUSSARA

BÁSICO EM BAMBU

Em 11 e 12 de setembro, 11 participantes realizaram o curso, com a instrutora Cleide Ferreira Mattos, oferecido pelo Sindicato Rural de Cianorte.



QUARTO CENTENÁRIO

OPERAÇÃO DE DRONES

Concluído em 20 de agosto, o curso ministrado por Xisto Roque Pazian Neto formou oito participantes. Iniciativa foi viabilizada pelo Sindicato Rural de Goioerê em parceria com a prefeitura.



MARILENA

BIOJOIAS

Neste curso viabilizado pelo Sindicato Rural de Nova Londrina, a instrutora Isabela Caires, entre os dias 19 e 21 de agosto, treinou 11 participantes.



SANTA INÊS

ARTESANATO COM PRODUTOS APÍCOLAS

O instrutor Jean Samel Rocha repassou seu conhecimento para dez participantes, de 22 a 24 de setembro, oferecido pelo Sindicato Rural de Colorado.



ITAÚNA DO SUL

MULHER ATUAL

Finalizado em 28 de agosto, o curso reuniu 18 mulheres, em oito encontros realizados pela instrutora Maria Paula Carlos Prieto, oferecido pelo Sindicato Rural de Nova Londrina.

VIA RÁPIDA

Ouro da araucária

O pinhão é um alimento tradicional, colhido da araucária, árvore-símbolo do Estado. A araucária, que cresce em áreas de mata nativa, é fundamental para o equilíbrio ambiental e para a cultura paranaense. Todo ano, no outono e no inverno, o pinhão é usado em pratos típicos, reunindo famílias em torno da mesa e celebrando a identidade regional.



Sono da beleza

Mulheres precisam de mais descanso, e não é por preguiça! De acordo com um estudo realizado no Centro de Pesquisa do Sono, na Universidade de Loughborough, no Reino Unido, as mulheres precisam de mais tempo de sono do que os homens – cerca de 20 minutos. Embora essa diferença possa parecer pequena, ela pode ter implicações significativas para a saúde e o bem-estar.



Rei do galinheiro

Quando o galo canta de manhã, não é só para tirar a pessoa da cama. Esse é a maneira do animal dizer "esse território é meu, quem manda nesse pedaço sou eu" aos outros galos.

Líder mundial

A Volkswagen, além de ser uma gigante da indústria automobilística, também tem se destacado no mercado de alimentos, especialmente com sua famosa linha de salsichas. Surpreendentemente, a marca vende mais salsichas do que carros!



Equação da depressão

Por que o livro de matemática estava triste?
Porque ele tinha muitos problemas!

Distante da Terra

A Lua se afasta da Terra cerca de 3,8 cm por ano. O afastamento lunar acontece porque a rotação da Terra transfere energia para a órbita da Lua. Esse processo faz com que a Lua ganhe impulso. Isso afeta marés, eclipses e até a estabilidade da rotação terrestre a longo prazo.



FOTO DO CLIMA

Quer ver sua foto do clima publicada no Boletim? É fácil! Basta entrar na seção **Clima**, do site sistemafaep.org.br ou pelo **app** do Sistema FAEP.



José Edeval Avila - Nova Esperança, PR

Rua do outono

Em Curitiba, as árvores-de-liquidâmbar se destacam especialmente no outono, com folhas em tons vibrantes de vermelho e laranja. O nome vem do latim *Liquidus* (líquido) e *ambar* (âmbar), em referência à resina aromática que escorre do tronco quando ferido. Essa seiva era usada por povos nativos como goma perfumada e em remédios naturais, graças às suas propriedades anti-inflamatórias e cicatrizantes.

Amigo fiel

O Dia do Vira-Lata, celebrado em 31 de julho, tem como objetivo conscientizar sobre a importância da adoção responsável e do não abandono de cães e gatos sem raça definida. Esses companheiros especiais provam, todos os dias, que o amor não tem pedigree.



Acompanhe **24 horas por dia** o
que o Sistema FAEP está fazendo

Siga nossas redes sociais



Facebook
Sistema Faep



Instagram
sistema.faep



Youtube
Sistema Faep



Twitter
SistemaFAEP



Linkedin
sistema-faep



Flickr
SistemaFAEP

modelo 3

SISTEMA FAEP



Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• **FAEP** - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |

Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@sistemafaep.org.br

• **SENAR-PR** - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |

Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@sistemafaep.org.br

Siga o Sistema FAEP nas redes sociais



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|--|--|
| ☐ Mudou-se | ☐ Falecido |
| ☐ Desconhecido | ☐ Ausente |
| ☐ Recusado | ☐ Não Procurado |
| ☐ Endereço Insuficiente | |
| ☐ Não existe o nº indicado | |
| ☐ Informação dada pelo
porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____

Em ____/____/____

Responsável